

THALITA REBOUÇAS

FALTA  
SERIO.  
Mãe!

edição ampliada

**ROCCO**  
JOVENS LEITORES



## **FALA SÉRIO, MÃE!**

ISBN: 978-85-7980-383-3

240 pág. | 13,7x20,7 cm | R\$ 29,90

# 12 anos

## Abraçando o teatro

Minha querida primogênita resolveu entrar para um curso de teatro. Achei ótima ideia, teatro solta a cabeça, faz pensar, ler, criar, fantasiar, imaginar – e, como disse Albert Einstein, “Imaginação é mais importante que conhecimento”. Dei a maior força.

Em pouco tempo, Maria de Lourdes ficou menos tímida, mais segura de si, mais articulada, muito mais comunicativa. É muito amável. Mas amável demais. Aquele tipo de amável que beira o exagerado. Do dia para a noite, minha amabilíssima filha resolveu virar uma abraçadora profissional. É um tal de abraça pra cá, abraça pra lá... a menina agora abraça Deus e o mundo. Me pega na cozinha, me agarra e me aperta com força e me enche de beijo. Com o pai e os irmãos, a mesma coisa. E é assim aqui em casa, na escola, no teatro, na praia, nas festas.

Povo de teatro é muito dado, muito liberal. Não que eu seja preconceituosa, longe de mim, mas a verdade é que artista é muito amiguinho de todo mundo e, para eles, é normal amiguinho beijar a boca de outro amiguinho. Minha filha não chegou (e espero que não chegue nunca! Nunca!) a essa fase de dar selinho a torto e a direito. Por enquanto é só abraço.

– Querida... depois de abraçar com vontade o pipoqueiro, o jornalista, a professora, a Alice, o nosso porteiro e o seu Mathias, da farmácia, você tinha mesmo que abraçar o Pedro, do 209, daquele jeito? Eu achei aquilo meio...

– Meio o quê, mãe? – irritou-se.

– Meio desnecessário, meio oferecido. Você mal o conhece.

– Não viaja! O primo do Pedro faz teatro comigo e ele está sempre lá com a gente. Ele é praticamente povo de teatro e povo de tea-

tro sabe abraçar superbem. Diferente de muita gente, que tem abraço frouxo ou que foge de abraço, que não consegue dar um abraço apertado, cheio de energia. Povo de teatro se entrega nos abraços, dá abraços demorados, apertados, com emoção – tentou filosofar.

– Minha filha, essa troca de energia é bonita e tal, mas é atiradinha demais para o meu gosto. Agora você vive pendurada em um monte de gente. Quem não conhece a beleza de tanta energia, deve te achar uma menina... Como vou dizer isso? Fácil.

– Fala sério, mãe! Que comentário mais sem noção! Eu não estou nem aí para o que pensam ou deixam de pensar de mim. Ninguém tem nada com a minha vida.

– Claro, você está certíssima. Mas eu acho esse amor excessivo e nada em excesso é bom...

– Mãe, eu gosto de trocar carinho com as pessoas, só isso. Nunca ninguém me abraçou com vontade aqui em casa. Abraço na nossa família sempre foi de longe, rápido, sem força, sem vida. Um abraço pode ser a melhor coisa do mundo por alguns segundos. E quem não quer a melhor coisa do mundo? Abraçar com vontade quem eu gosto não quer dizer que eu seja uma menina *facinha*. Aliás, eu sou a menina menos fácil que conheço, achei que você soubesse.

Papéis invertidos. Levei uma senhora bronca da minha pirralha. Uma bronca elegantíssima, mas uma bronca. E dou razão a ela por cada palavra, por cada sentimento que ela pôs em seu discurso. Fiquei orgulhosa de sua entrega, das suas verdades... do seu coração. Antes de ir para o quarto, ela pediu:

– Dá cá um abraço?

Ufa! Fiquei aliviada ao constatar que mesmo depois da bronca ela queria me abraçar. Dei nela um abraço. Apertado, esmagado, asfixiado, do tipo que não vai acabar nunca. E não é que sua teoria do abraço estava certa? Com vontade e entrega, usando cada músculo do corpo e da face, das mãos e dos dedos, um abraço pode mesmo ser a coisa mais gostosa do mundo. E que bom que ela descobriu isso tão novinha e ensinou para mim.

# Beijo de língua

Estava sentada no meu computador lendo uns e-mails quando, por conta de umas fotos de bebês que um amigo me mandou, lembrei de como parece que foi ontem que meus filhos eram pequenas bolotas cheias de dobrinhas. É engraçado perceber que muitas vezes Maria de Lourdes, a menos parecida fisicamente comigo, faz gestos e olhares que eu faria, toma atitudes que eu tomaria... é muito bacana pensar que criei meus filhos para o mundo, mas deixei neles a minha marca.

A Maria de Lourdes anda numa fase engraçada. Está se achando gente, mais mulher, comprando roupas menos infantis, querendo livros com temas mais adultos. No fundo, claro, continua uma criança. Criança enorme, já, já está mais alta do que eu. Às vezes queria voltar no tempo só para poder carregá-la como um bebê de novo. Por alguns segundos, gostaria de ter aquela sensação gostosa de volta. Mas a verdade é que ela ainda é a minha neném.

– Oooo! – disse ela, ao chegar em casa fazendo a bagunça de sempre, deixando mochila num canto, agenda noutro.

– Oi, amor de mãe! Estava pensando em você pequenininha e deu uma saudade... vem cá me dar um beijo?

Ela veio, encheu-me de beijos e, sentada no meu colo, perguntou:

– Lembra que eu fui ao cinema no sábado?

– Lembro, claro.

– Sabe o que rolou lá?

– O filme, ué.

– Não, mãe! Além do filme...

– Pipoca? Refrigerante? Jujuba?

– Que *mané* jujuba, mãe? Pensa mais um pouco.

– Chiclete?

– Caraca, não acredito que você não deu uma dentro! Rolou um beijo, mãe. Beijo!

– O quê? Suas amigas já estão beijando? Não me diga, Maria de

Lourdes. Aposto que foi essa tal de Alice, sempre achei essa menina muito saidinha.

– Fui eu, mãe. Eu que beijei.

Hãããããã!?! Muita calma nessa hora! Tentei agir naturalmente.

– Você? Olha só, filha... você beijou... que bom... – reagi, sem um pingo de animação com o assunto, admito.

– Só isso? Não quer saber como foi? Com quem foi? Achei que você ia morrer de curiosidade.

– Nossa, estou louca, LOUCA para saber esses detalhes, minha filha, você não faz ideia – menti descaradamente. – Só espera um minuto que mamãe vai pegar um copo d’água. Quer também?

Eu precisava mastigar a novidade.

– Não, obrigada – respondeu ela.

Deixei Maria de Lourdes na sala e corri para a cozinha. Eu pensando que ela ainda era um bebê e já tem marmanjo de olho na minha pequena? Que mundo mais apressadinho! Maria de Lourdes ainda é uma criança, seu, seu... como é o nome do rapaz?

Será que rolou um cheirinho no cangote? Uma lambidinha na orelha? Ai, não! Jamais posso perguntar isso para ela. Mas quero saber tantas coisas... não! Não quero saber nada! Nada! Não está muito cedo para uma criança começar a beijar? Uma criança, meu Deus!

Precisava recompor minhas energias e fazer cara de mãe melhor amiga, entendida também como “nossa, que novidade bacana você está me contando, filha!”. Respirei fundo e fui para a sala. O Armando talvez leve isso com mais naturalidade, mas eu sou meio antiquada para esses assuntos de beijo, de sexo, de relacionamento... na minha adolescência nós nunca conversamos sobre isso lá em casa.

– Então, filha, agora sou toda ouvidos. Quem é ele?

– É o Nando, primo da Alice.

– Não acredito que o cara é parente dessa Alice...

– Mãe! – bronqueou ela.

– Desculpa, desculpa, não está mais aqui quem falou.

– Ele mora em Friburgo, veio passar o feriadão aqui no Rio.

– Interessante. E... foi... foi assim... – Baixei os olhos e a voz,

como se fosse falar uma enorme indecência. – Foi beijo de língua?

– Dâââ!

– Que é isso, Maria de Lourdes, olha o respeito! Foi ou não foi de língua? – questionei, com a testa franzida.

– Claaaaaro que foi, mãe! Você acha que eu ia dar selinho num menino de 15 anos?

– Quinze!? Menina, mas ele é um homem! Deve ser um galalau, se bobear tem barba e tudo! Maria de Lourdes, você conhece os pais desse rapaz? Ele é de boa família? De boa índole?

– Ai, mãe, que coisa mais antiga! Que “rapaz”? Quem é que fala “rapaz” hoje em dia? E por que é que eu tenho de conhecer os pais de um menino só porque dei um beijo nele? Que coisa mais sem nexo.

– O quê? Foi você que deu o beijo nele?

– Ah, tipo assim... eu tomei a iniciativa, mas ele já estava me azarando desde a lanchonete.

– Você tomou a iniciativa? Isso é coisa de menina fácil, Maria de Lourdes!

– Mas meninos são lentos, às vezes precisam de um empurrão básico. Além do mais, eu não aguentava mais ser BV, né?

– BV? O que é BV, Maria de Lourdes?

– Boca virgem, mãe! Que desatualizada!

– Mas que bobagem! Sabia que no meu tempo a gente só beijava...

– Alou! Não estamos no seu tempo! Vai começar esse papo chato de “no seu tempo” de novo?

– Está bom, desculpa.

– Não vai perguntar se foi bom?

Ela estava realmente decidida a ir fundo no tema. E eu sem a menor vontade de saber como foi. Precisava de tempo para digerir as informações anteriores. Mas Maria de Lourdes estava numa ansiedade frenética, queria porque queria contar tudo. Logo. E eu, que sempre quis bancar a mãe moderna, a mãe bem resolvida, a mãe antenada... tive de aguentar, com pinta de superinteressada. Mantive a pose.

– Sim, querida, claro. É... como foi?

– Foi molhado. Mas aí, mãe, muito, muuuuito molhado.

Ui! E eu tendo de reagir naturalmente.

– Molhado? Veja você, não me diga...

– Digo. Foi bem gostoso, mas também foi, assim, meio nojentinho, sabe? Muito estranho ter a língua de outra pessoa no meio da boca.

– Menos detalhes, Maria de Lourdes! Não precisa contar cada segundo desse beijo, ande logo, encurte essa história!

– O primeiro foi uma baba só – continuou, para meu total desespero.

Não queria ouvir aquilo. Era horrível visualizar uma língua cheia de cuspe dentro da boca da minha filhinha.

– Shhh! Olha o vocabulário chulo, Maria de Lourdes! Espera aí! Como assim primeiro? Teve mais de um? – assustei-me.

– Óbvio. Mais um, mais dois, mais três... e a cada beijo ia ficando mais gostoso e menos nojentinho. Tão bom, mãe! Tão bom! Não vi nada do filme.

– Foi, filha? Nossa, que interessante... Mas vocês não ficaram de saliência no escurinho do cinema, não, né?

– Fala sério, mãe! Não acredito que você disse essa palavra! Saliência? Nem a vovó diria isso. Mas, para a sua informação, não, não fiquei "de saliência" no cinema. Eu me comportei muito direitinho.

– Está bem, desculpa. Fico feliz em saber que foi bom, filha. E agora? Vocês... vocês estão namorando?

– Dââ! Claro que não! Ele mora longe. E eu não estou nem um pouco a fim de namorar!

Ai, que alívio! Que alívio! Uma queima de fogos tomou conta do meu peito nessa hora, era muita felicidade. Apoiei veementemente sua decisão.

– Isso mesmo, filhota! Vai aproveitar o restinho da sua infância, brincar, pular amarelinha, correr, jogar, é isso que você tem de fazer.

– Mãe, o que eu ia dizer é que eu quero ficar com os meninos, não namorar com eles.

– Sério?

– Sério. Se eu posso ter vários, por que...

– Saquei... – respondi, meio zozona com tanta informação nova.

– Além do mais, se eu posso ter vários por que vou me prender a um só? Quando isso acontecer, eu vou estar apaixonada, pensando e querendo estar com o menino vinte e quatro horas por dia. Antes disso, quero beijar muitas bocas e ser feliz pra caramba!

Ela me deu uma bitoca estalada na bochecha antes de voar para o chuveiro. Nem percebeu que eu ainda estava de queixo caído. E me deixou a pensar. A pensar que aquela menininha que eu tanto amava e queria carregar novamente no colo havia poucos minutos tinha ido embora mesmo. Um pouco mais cedo do que eu gostaria, mas fazer o quê?

Hoje, ela escolhe roupas, livros e CDs sozinha e já beija de língua no escuro do cinema. É a menina cedendo lugar não à mulher, mas a uma linda mocinha. A minha mocinha. Que tem vontade e pensamentos próprios, opiniões formadas, certezas, desejos e verdades que borbulham na sua cabecinha adolescente. Cabeça que se orgulha de ter ideias e ideais, que me ensina muito, diariamente, e que se expressa com clareza e coerência através de gestos, atitudes e, principalmente, palavras.

É, palavras. A partir de agora, tenho certeza, ela já pode falar por si própria.

# 13 anos

## TPM ou Todos os Problemas do Mundo

Odeio dar o braço a torcer, mas minha mãe estava certíssima quando disse que menstruação era a coisa mais chata do mundo. Estou no meu terceiro ciclo e já cheguei à conclusão de que essa sangria vai me deixar para lá de irritada pelos próximos quarenta anos, no mínimo. Que lástima! Menstruação é uó! Uó!

E o pior de tudo é que não me sinto nem um pouco mais mulher, como achei que aconteceria. Sou a mesma adolescente de sempre, só que pior, porque neste exato momento estou espinhenta e inchada (com a menstruação veio a dura constatação: além de sangrar, mulheres no período menstrual engordam e também enfeiam, já que ficam cheias de pipocas na cara, uma delícia).

Sem contar com o humor, que vira de cabeça para baixo com a TPM que, em vez de Tensão Pré-Menstrual, devia se chamar Todos os Problemas do Mundo. Nesse período horrórico tudo vira problema, tudo me leva às lágrimas, até mesmo comercial de eletrodomésticos me faz chorar minutos a fio. Nada veste bem, nada que eu bote no rosto e nas unhas me deixa bonita, nada me faz feliz. Nada. Minha vida vira um dramalhão nos dias que antecedem a *menstru*, uma mala.

Para coroar, hoje o povo da escola vai aproveitar o sol na piscina do prédio da Alice, com direito a churrasco e tudo até altas horas. E eu em casa, de molho, com saco de água quente na barriga por causa desta maldita cólica! Como dói! E pensar que eu já achei, de verdade, que menstruar era lindo. Onde eu estava com a cabeça?

Impaciência, seu nome é Malu. Comecei a ler um livro, achei chato. Fui para internet, chata. Tentei um videogame, chato. Uma re-

vista, chata. Televisão, chaaaataaaa. O que me resta? O telefone, claro.

Sempre gostei de telefone, desde pequena. Não tem *nada* que substitua um bom telefonema entre amigas. Liguei para a Alice, que estava toda feliz arrumando as coisas para receber a galera. Morri de inveja, queria poder ajudá-la com os preparativos.

Enquanto eu falava, minha mãe andava de um lado para outro na sala. Engraçado é que ela pensa que disfarça bem e que eu não notei que ela queria, na verdade, regular o tempo da minha conversa. Minha mãe não gosta de telefone e acha que isso devia ser hereditário. Mas não é.

Conversei com a Alice sobre várias coisas importantíssimas. As músicas que seriam a trilha sonora do churrasco, o biquíni que ela usaria, se ela recebia o povo de cabelo preso ou solto, se passava o xampu para dar brilho ou o anticaspa, se botava o short azul ou o vermelho, se apresentava o Barrosinho, com quem ela está ficando, para os pais, se apresentava alguém para os pais, se dizia para o Barrosinho que o Janjão está dando mole para ela...

– Chega, Maria de Lourdes! Agora chega! Você está há uma hora neste telefone! Não é possível que você estude com essa garota, viva grudada com ela para cima e para baixo e ainda tenha tanto assunto para falar. Amanhã na escola vocês conversam.

– Ei, mãe! Para com isso. Olha a falta de respeito, eu estou falando. Desculpa, Alice!

– “Desculpa, Alice?” Desculpa, mãe, você quis dizer, não é? Você acha que telefone é um serviço gratuito, oferecido pelo governo?

– Ih, mãe, que saco! Vou ligar do meu celular, Alice, espera aí!

– Do celular? Enlouqueceu? Vai sair muito mais caro. Sou eu que pago a conta do seu celular, sabia, Maria de Lourdes?

– Malu, mãe. Malu!

– Malu uma ova! Maria de Lourdes!

– Não repara, não, Alice. A mulher acordou de ovo virado, tem um monte de trabalhos pendentes para fazer e está descarregando em mim.

– Cala essa boca! Não tem nada que ficar falando da minha vida para essa garota.

- Essa garota tem nome, é Alice.
- Pois diga para a garota que tem nome que você precisa desligar porque sua mãe é jornalista e jornalistas não nadam em dinheiro. Pelo contrário.
- Espera, mãe! Que chatice!
- Não espero, não. Quer fazer o favor de dizer para essa Alice que você tem de desligar porque sua mãe está mandando?
- Não preciso dizer, você está berrando tanto que tenho certeza de que ela está ouvindo, né, Alice? Que desligar, o quê? Vamos continuar conversando, ela precisa aprender a tratar meus amigos com educação.
- Era só o que me faltava.
- Eu trato todos os seus amigos com educação e carinho. Faça o mesmo e peça desculpas para a Alice, mãe.
- Você está me desafiando, Maria de Lourdes! Largue já esse telefone.
- Eu já estou acabando, você é que está aí atrasando tudo. Se não estivesse aqui do meu lado tagarelando eu já teria terminado há séculos.
- Ah, é? Então vamos combinar uma coisa? A partir de agora você paga as horas que passar ao telefone. Eu sublinharei todos os telefonemas que você der e descontarei da sua mesada. Que tal?
- Absurdo.
- Absurdo é perder horas falando um monte de besteiras com uma garota que você vê todos os dias.
- Alice, vou lá, ela hoje está com a macaca.
- Olha o respeito, Maria de Lourdes!
- Malu, mãe! Malu!

## No supermercado

Hoje foi dia de um dos programas mais malas da minha vida. Acontece mensalmente e é sempre assim: sem me avisar nada, minha mãe me pega no colégio, deixa meu irmão na capoeira e minha

irmã no balé e me leva para o supermercado. Assim, sem dó nem piedade, sem me dar chance de argumentar, ela me sequestra por três horas. Eu, que invariavelmente saio do último tempo de aula esfomeada, tenho de me contentar com uma gororoba de fibra que ela carrega na bolsa. Às vezes nem isso, porque a parada de fibra muitas vezes está fora da validade.

No estacionamento, descobrimos que o supermercado estava lotado, demoramos uns vinte minutos para achar vaga. Dentro do mercado, passamos intermináveis minutos comparando preços, estalando vagens, analisando e tocando guelras (irc!), empurrando carrinhos pesados, entrando em fila para pesar alimentos e nos perdendo uma da outra. Superagradável. Quando me perdi dela pela enésima vez, minha paciência tinha ido para o pé. Eu estava amolada, irritada com aquela luz fria que deixa todo mundo feio, apouquentada com o bando de gente em volta, verde de fome. Que vontade de sair, de gritar! De repente, uma voz que lembrava uma buzina ecoou naquele murmurinho:

– Maria de Lourdes! Corre aqui, Maria de Lourdes! Achei uma blusinha que é a sua cara! E baratíssima! Vem experimentar. Se você gostar mamãe te dá duas, uma de cada cor.

Andei na sua direção, empurrando aquele carrinho que pesava uma tonelada e soltando fumaça pelo nariz.

– Mãe, que ideia! Eu não quero blusinha nenhuma, quero ir embora. Vamos sair daqui!

– Não acredito. Só porque é de supermercado? Deixa de ser besta, Maria de Lourdes! Depois diz que eu é que sou preconceituosa. Que desgosto, minha filha virou uma metidinha prepotente!

– Quê? Não é nada disso, eu só quero ir para casa comer e descansar. Além disso, não estou precisando de roupa.

– Nem de calcinha? Ah, filha, aqui tem umas lindas de algodão... o pacote com doze custa dez reais, está de graça! E você está precisando de calcinha, Maria de Lourdes.

– Por que você quer comprar essas coisas agora? Já viu o tamanho das filas? Vamos para casa, estou morta de cansaço, estamos há duas horas rodando nessa sauna.

– Mas está tudo tão baratinho... e suas calcinhas estão furadas, puídas, com o elástico frouxo...

– Precisa falar tão alto? Sua voz está no volume máximo, parece um megafone!

– Ah, é que acabei de voltar da casa da sua avó. Ela está cada vez mais surda, aí fico assim, falando alto.

– Pois é, mas chega, não precisa mais berrar. Agora o Rio de Janeiro inteiro acha que eu preciso de calcinha, porque o Rio de Janeiro inteiro está neste supermercado. Vamos embora?

– Para o teu governo, Maria de Lourdes, roupa de supermercado é coisa muito boa, viu? Calcinha de supermercado também. É coisa de qualidade, coisa moderna, coisa bacana. Tem gente muito criativa fazendo roupas para supermercados. Não estou dizendo para comprar sempre, mas a gente pode achar coisas divinas no supermercado.

– Mas eu não tenho nada contra roupas e calcinhas de supermercado! Só não estou a fim de roupa agora. Quero ir embora.

Nesse momento, uma senhora baixinha de cabelos encaracolados aproximou-se de nós duas e se meteu na conversa sem a menor cerimônia:

– Desculpa, mas as roupas daqui são nota mil, viu, garota? Ótima qualidade, ótimos tecidos, ótimo corte.

Não acredito! Isso podia ser um pesadelo, mas aconteceu de verdade. Ninguém merece! Ela continuou:

– Compro tudo aqui. Roupa para os meus filhos, para os meus netos, para mim... e quer saber? Ninguém nota que é de supermercado. Uma vez comprei um casaco, falei que era de Nova York e todo mundo acreditou – contou, com pinta de vitoriosa. – Essa coisa de preconceito é uma bobagem .

Ai, caramba! Quem falou em preconceito?

– Eu tenho certeza de que as roupas são ótimas, mas eu não estou precisando de nada agora. Eu estou cansada, preciso de comida e cama – expliquei.

– Cansada... cansada de quê? – espetou ela. – Essa juventude de hoje, tsc, tsc, tsc... ainda bem que eu já criei meus filhos. Esses

jovens só ligam para marca, para grife conhecida. Grife nada mais é do que uma etiqueta, menina. E quem liga para etiqueta? Não seja tola, você está caindo nas armadilhas do sistema!

– Mas quem disse para a senhora que eu não quero porque é do supermercado? Eu só não estou a fim de comprar mais nada, muito menos roupa, que eu não preciso. Vamos, mãe?

– É uma mal-agraçada, a senhora vê? Mas sabe o que é isso? Encontrou uma amiguinha bestinha do colégio e não quer que ela veja a gente comprando roupa no supermercado.

Como é que é!?

– Não é nada disso! Deixa de inventar história, mãe! A Clara já deve até ter ido embora. Estou achando que a preconceituosa aqui é você, que começou com essa história sem pé nem cabeça de preconceito.

– Filha, preconceituosa é...

Ai, caramba! Essa prosa não ia acabar tão cedo. Precisava dar um corte antes que começasse tudo de novo, não há nada mais irritante do que discussão em *looping*. Precisava dizer algo interessante, precisava mudar de assunto, precisava dizer qualquer coisa para me livrar desse diálogo maluco.

– Amanhã a gente vem aqui e compra a blusinha, tá?

Inacreditável, mas foi a única coisa que consegui pensar.

– Está bem – disse minha mãe, satisfeita. – Promete?

– Prometo.

Ufa! Nem acredito que consegui, enfim, dobrar a minha mãe. Empurramos os carrinhos na direção dos caixas. Todas as filas estavam enormes. Escolhemos a menor e ficamos lá paradas um tempo. Como a fila não andava, minha mãe tentou uma última vez:

– Você não quer ficar aqui esperando enquanto eu vou lá rapidinho pegar só aquele pacote de calcinhas? Dez reais, Maria de Lourdes! Dez reais!

– Ah, mãe, fala sério...



**THALITA** é carioca de 1974 e, quando criança, se autodenominava “fazedora de livros”, pois adorava brincar de ser escritora. Jornalista de formação, acabou optando por abandonar as redações para se dedicar à literatura.

Com mais de 20 livros publicados e mais de 2 milhões de exemplares vendidos, ela mantém contato diário com leitores pelas redes sociais. Seus livros viraram jogo de tabuleiro, peças de teatro, filmes e até mangá. *Fala sério, mãe!* foi adaptado para o cinema com Ingrid Guimarães, no papel de Ângela Cristina, e Larissa Manoela, como Malu.

Nesta nova edição ampliada de *Fala sério, mãe!*, Thalita traz uma novidade: Malu conta o que acontece em sua vida dos 21 aos 23 anos.

 [editorarocco](#)

 [facebook/editrocco](#)

 [twitter.com/editorarocco](#)